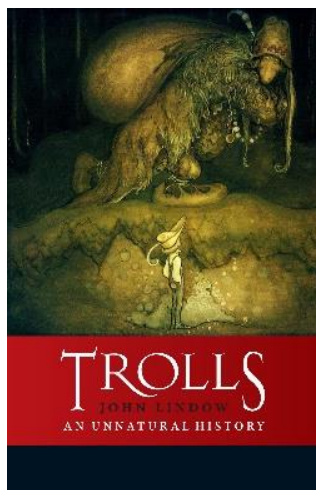


TROLLS, DO MITO AO FOLCLORE
TROLLS, FROM MYTH TO FOLKLORE



LINDOW, John. *Trolls: an unnatural history*. London, Reaktion Books, 2015.

Andréa Caselli¹

Os folcloristas e pesquisadores interessados em cultura escandinava - principalmente os literatos e historiadores - tiveram uma ótima surpresa quando, no ano de 2014, foi publicada uma rigorosa e detalhada pesquisa acerca de um personagem mitológico, cultural e histórico. Trata-se do livro intitulado “*Trolls: an unnatural history*”, escrito pelo professor da Universidade da Califórnia/Berkeley, John Lindow. Ele é doutor em Línguas e Literaturas Germânicas e, em 2018, recebeu a Cruz de Cavaleiro do Falcão pelas mãos do presidente da Islândia, por contribuições acadêmicas na área da literatura medieval².

Ao folhear o livro, o leitor se depara com uma intrigante ilustração que precede o texto, retratando um jovem empunhando uma espada contra um troll de três cabeças, de autoria do

¹ Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos). Email: adea.caselli@gmail.com Site: www.andreacaselli.com.br

² Para maiores informações sobre o autor, consultar o site oficial da Universidade de Berkeley: <https://scandinavian.berkeley.edu/people/john-lindow>

pintor norueguês Erik Wrenskiold. Tal imagem pode causar admiração ou espanto, mas também fica perceptível o respeito e o conhecimento que o autor dedica à arte e à literatura escandinava. Quem inicia a leitura, se depara com uma obra transdisciplinar que envolve ciências das religiões, estudos folclóricos, crítica literária e história da arte.

O livro é iniciado com um relato de avistamento de troll por uma mulher americana, na noite escura do bosque de Oslo, na década de 1970. Algo muito comum de acontecer, inclusive, na atualidade e a qualquer momento; visto que os movimentos dos animais e as sombras dos pinheiros, misturados ao cansaço da caminhada ou a uma possível ingestão de álcool podem compor sugestões ou visões que muitas vezes são objetos de teorias de cognição. O autor descreve o troll como um ser natural e pertencente à cultura escandinava, o caracterizando como elemento folclórico de conseqüentes variações de uma localidade para outra; mas havendo sempre similaridades existentes a despeito das distinções regionais e de organização social.

Ele usa o termo “crença folclórica” e o explica como um sistema compartilhado e abreviado de interpretações culturais, abrangendo diversas expressões a serem analisadas. Sendo assim, especifica que os limites entre o crível e o não crível são constantemente debatidos, mas que o essencial dentro do tema se situa no fato de que as narrativas sobre trolls ou fenômenos semelhantes não devem ser entendidas apenas como crenças folclóricas, mas também como pequenas partes de uma discussão muito maior sobre a natureza do ambiente em que se vive.

É apresentada uma discussão etimológica sobre as origens e os significados da palavra troll, deixando bem claro para os leitores que esses se tratam de uns dos maiores e mais emblemáticos segredos que os trolls ainda guardam, já que não há um significado único e nem um consenso sobre a procedência da palavra. Para tanto, o livro comenta as diferentes composições da palavra nos antigos textos nórdicos e as diferentes evoluções que o termo sofreu na Noruega, na Islândia e na Dinamarca. Dessa forma, nos primeiros capítulos do livro, são citados e analisados os primeiros poemas e lendas nos quais a palavra aparece.

No primeiro capítulo, intitulado “Os Primeiros Trolls”, o autor expõe as aparições destes em algumas sagas islandesas e narrativas mitológicas. É importante salientar que o autor distingue os momentos em que o nome aparece no plural e no singular, como também destaca suas aparições nos gêneros masculino e feminino. De todos os comentários tecidos por

ele a respeito de tais textos, vale destacar o primeiro emprego da palavra, que aparece no singular e se refere a uma trolesa³.

Tal emprego se dá em um livro da Edda em prosa⁴ - o *Skáldskaparmál* - e narra o encontro no qual o deus Bragi⁵ - distante da presença humana e na obscuridade de caminhos longínquos - encontra a trolesa. Entre os dois ocorre em um diálogo que esbanja adjetivações sobre suas respectivas características, através de *kennings*⁶ que designam o sol, o ouro, o deus Odin e a lua.

Lindow analisa o diálogo a cada verso e, inclusive, recorda o leitor de que este encontro muito se parece com aquele da mulher americana descrito na introdução. Pois, uma noite escura na natureza, em situação de estresse, de tempestade ou de embriaguez; os sentidos podem ser alterados e, assim, ocorrer uma experiência empírica do sobrenatural. Sendo assim, o autor discorre sobre as causas de, na mitologia nórdica, os trolls aparecerem como seres noturnos e ligados à natureza selvagem, assim como as videntes e os lobos.

O colóquio ameaçador com trolls podem terminar com humanos são e salvos no final, mas não é sempre assim, havendo também os encontros mortais para um dos lados. Sendo assim, o autor também investiga o segundo tipo de embate, principalmente quando analisa a palavra troll contida nas sagas dos reis noruegueses, onde está descrita a forma como o rei Vanlandi foi morto por aparições noturnas de um monstro/troll perturbador. No devir do texto, o leitor pode ir, aos poucos, adquirindo a percepção de que os tantos significados do troll estão relacionados ao misterioso, ao inexplicável e ao desconhecido; estando sempre do outro lado, do lado irracional da vida.

A sugestão que propõe uma descendência dos gigantes para os trolls não é descartada por Lindow e ele se apoia nas conclusões da pesquisadora Katja Schulz sobre as aparições da palavra troll nas sagas islandesas. Mas também se baseia nos comentários literários sobre trolls de tamanhos extraordinários e nos aspectos que distinguem mitologicamente os gigantes dos

³ Termo no idioma português para o feminino de troll.

⁴ Compilações dos poemas éddicos (narrativas mitológicas em versos) produzidas pelo poeta, escritor e político medieval Snorri Sturluson.

⁵ Bragi, o Antigo. Primeiro poeta nórdico, a quem é creditada a criação dos versos que os poetas da Era Viking e seus descendentes na Islândia usaram através dos séculos (Lindow, 2015, p. 14).

⁶ Na literatura medieval escandinava, o *kenning* se configura como um figura de linguagem poética em que composições de palavras complexas servem como substitutas para palavras simples.

deuses⁷. Afinal, a mudança de forma é uma das artes mágicas dos trolls, que costumam mudar de aparência quando necessário ou quando lhes convêm. Muitas lendas e contos populares narram trolls se transformando em animais, pedras e montes; ou mudando de cor, tamanho e aparência. Então, não é estranho que gigantes tenham se transformado em trolls ao longo dos séculos.

No segundo e no terceiro capítulos são abordados, respectivamente, os modos de ser dos trolls no período medieval e na folclorística dos séculos XVII ao XIX. Então, chega o momento em que o autor põe foco no valor da tradição oral, mostrando como os contos populares foram essenciais para o aprendizado e a transmissão dos versos. Para ilustrar a presença e a participação dos trolls nesse processo, ele inclui o texto do século XIV intitulado “O conto do morador da montanha”, no qual um homem e seu ajudante encontram uma criatura gigante que se nomeia como “elfo-pedra”, em uma caverna. Este os faz decorar os versos que ele repete sequencialmente e avisa que, se não memorizarem as palavras ditas, morrerão. O homem decora tudo e alcança prosperidade, mas seu ajudante não consegue realizar a tarefa e falece após um ano. Sendo assim, percebe-se através dessa narrativa como a participação no desenvolvimento da oralidade tem extrema importância na manutenção da cultura medieval.

Além do conto acima, Lindow mostra várias outras histórias que apresentam informações sobre o convívio entre humanos e trolls através dos séculos. São comentadas narrativas em que mulheres (princesas, madrastas, videntes, etc.) são transformadas em trolesas ou raptadas por trolls, principalmente se estiverem em período pós-parto (intervalo de tempo que precede o batismo, considerando que mãe e criança estariam vulneráveis espiritualmente, pois não poderiam ir à igreja). Outros contos expostos abordam os trolls que nascem da união entre humanos e elfos, como também os trolls que são transformados em pedra.

O autor é sensível para o fato de que, em manuscritos medievais, palavras escritas em latim – a exemplo de serpente e ídolo – posteriormente são traduzidas como troll para os idiomas locais escandinavos, deixando explícita a compatibilidade entre as imagens ctônicas

⁷ Para mais informações sobre, em idioma português, sobre o parentesco mitológico entre trolls e gigantes, assim como a mudança de forma dos trolls, consultar o Dicionário de Mitologia Nórdica (2015, p. 209-210).

e pré-cristãs. Contudo, a literatura medieval escandinava tardia produziu textos que abordam trolls trabalhando nas minas, ajudando a construir igrejas ou fazendo acordos com os reis e santos. Esta relação amistosa se encontra muito mais presente nos contos e nas lendas folclóricas, que são abundantes principalmente no período oitocentista, no qual os românticos e folcloristas realizaram vasta produção de cultura popular. Os contos destacam uma vizinhança entre humanos e trolls. Estes agora passam a colaborar na fermentação da cerveja, colocam sinos em igrejas, fazem visitas natalinas e fornecem riqueza material aos humanos que - em troca - oferecem uma cordial amizade.

A análise que Lindow faz sobre as diferenças entre os manuscritos e os contos evidencia que enquanto os trolls lendários eram apresentados como gigantes que viviam em lugares distantes, os contos e a tradição popular revelam uma aproximação como pequenos vizinhos de aparência deformada. O autor, várias vezes ao longo da obra, ressalta que apesar de os trolls terem natureza ambígua, continuarem amaldiçoando/sequestrando e pertencerem ao ambiente natural; boas relações e coexistência amigável são, do séc. XVII em diante, uma constante em direção aos humanos, não só na literatura, mas também nas artes plásticas e no folclore.

No quarto capítulo há interpretações do autor acerca de como os trolls aparecem nas publicações de contos folclóricos escandinavos, em conjunto com outros personagens. Acompanhando o tema, discute as ilustrações realizadas para esses livros que foram publicados em fins dos oitocentos e inícios dos novecentos. Maior atenção é dada às obras dos noruegueses Peter Asbjørnsen e Jørgen Moe⁸, como também do sueco Walter Stenström; sendo eles os escritores folcloristas que mais se dedicaram aos trolls em seus contos. Em tais narrativas, Lindow enfatiza ainda mais a proximidade dos seres que antes habitavam somente florestas e montanhas e agora interagem no espaço humanizado. Inclusive, há contos em que trolls possuem castelos e reinos. Ao relatar alguns contos, ficam sempre em evidência as atividades de trolls que aparecem embaixo de pontes, entram em castelos reis e, principalmente, mantém relações com um personagem muito frequente nas narrativas populares norueguesas, o Askeladden. Inclusive, há contos em que trolls possuem castelos,

⁸ Para ler os contos noruegueses que narram sobre trolls, em idioma português, consultar os livros *Askeladden e outras aventuras* (1992) e *Novas aventuras de Askeladden* (1995).

nos quais guardam seus tesouros e suas princesas raptadas, sendo que o Askeladden frequentemente invade tais propriedades para resgatar as vítimas e tomar as riquezas.

Muitas vezes traduzido para o idioma inglês como Boots, o nome Askeladden significa aproximadamente “o que mexe nas cinzas” e é descrito sempre como o filho mais novo da casa ou um jovem solitário e pobre. Ele sempre parte em busca de aventuras, tanto por escolha, quanto por necessidade. Em muitas das histórias, Askeladden encontra um ou mais trolls e Lindow analisa algumas delas. Porém, neste ponto encontro o que considero a única falha do autor nesse livro, pois não há explicação mais detalhada sobre o significado sociocultural da relação entre Askeladden e troll na cultura escandinava. Haja vista que o primeiro tem muitas semelhanças com os habitantes da área mais pobre da Noruega nos séculos XVIII e XIX, sendo conseqüentemente, mais próximos das montanhas e dos bosques e florestas selvagens, vizinhos dos trolls. Ademais, Askeladden é o maior amigo ou mais feroz assassino dos trolls nos contos, tendo personalidade tão ambígua quanto a deles; merecendo este fato uma maior atenção dos pesquisadores que se dediquem ao estudo folclórico na escandinavística.

De forma bastante didática, são apresentadas várias ilustrações de artistas que retratam cenas dos contos, como Theodor Kittelsen, Johan Fredrik Eckersberg e Erik Werenskiold. O autor discute as gravuras e suas respectivas narrativas, elucidando o fato de que, através de tal conjuntura, a estética que envolve os trolls passa a ser mais ampla em significados. Pois, a partir da arte visual e dos contos que cada vez mais detalham a aparência e o modo de ser dos donos das rochas e montanhas, surgem muitos detalhes como a maneira como emitem barulhos, roupas, joias, deformações do corpo, traços exagerados, muitos ou poucos dentes, três ou mais cabeças, olhos na testa, formas capilares, etc.

O autor traz à tona o fato de que cada ilustrador retrata os trolls à sua maneira. Sempre convergem para uma estatura maior que a humana, formas grandes, partes do corpo exageradas e poucos trajes contendo elementos da natureza como folhagens e pedras preciosas. No entanto, as diferenças entre um artista e outro se encontram na diversidade de elementos que incluem; como jogos de luz e sombra, personagens com aparência muito próxima a dos trolls (geralmente habitantes do bosque) e formas maios ou menos humanoides.



Ilustração de John Bauer para o livro *Bland Tomtar Och Troll*, de Walter Stenström, 1915. Esta é a imagem que ilustra a capa da primeira edição do livro objeto desta resenha. Fonte: <https://animationresources.org>

No quinto capítulo, intitulado “Trolls na literatura”, o autor analisa a literatura do final do Oitocentos e do séc. XX que contêm trolls, mas também faz críticas cinematográficas aos filmes sobre o tema. Lindow tece um minucioso comentário acerca da peça teatral *Peer Gynt*, do mais respeitado dramaturgo norueguês, Henrik Ibsen, que fez a peça inspirado no conto homônimo de Peter Asbjørnsen. A partir desse ponto, o leitor é direcionado para o entendimento de que humanos e trolls ficam cada vez mais próximos ao longo da história, até se confundirem um com o outro. O fato é ilustrado pelas frases do Rei dos Trolls, em *Peer Gynt*: “Qual a diferença entre um troll e um humano?” “Aqui os trolls dizem: seja fiel a si mesmo.”

E nas publicações e filmes que se seguem, tal inserção social fica cada vez mais estreita. Na literatura escandinava moderna da primeira metade do séc. XX não são mais autores compiladores, mas sim escritores que realizam publicações a partir de suas próprias imaginações e percepções da vida, mostrando seus temas psicológicos individuais diante do inexplicável e do sobrenatural. Sem dúvida, a globalização e os meios de comunicação facilitados por novas tecnologias propiciaram intercâmbios literários e os trolls precisaram

dividir espaço com outros seres como fantasmas, sereias, mouros encantados e muitos tipos de fadas. Sendo assim, o avanço moderno não deixou muito espaço para troll na literatura, mas eles ainda permaneceram na imaginação e na base da cultura norueguesa.

Sobre os filmes enunciados no livro, vale dizer que Lindow faz uma interessante abordagem sobre *Trollhunter*, de 2010; enfatizando a influência que a produção apreendeu das obras de Asbjørnsen e Moe, como também de monumentos erguidos na Noruega em homenagem à figura folclórica do troll. Pois, segundo ele, o caçador de trolls apresenta algumas características do Askeladden e o perseguido por ele apresenta a estrutura física desenhada por Kittelsen.

Outro comentário do autor que merece atenção é a respeito do livro *Troll: a love story*, escrito por Johanna Sinisalo e vencedor do prêmio Finlandia Prize em 2000. Se trata de uma história na qual um jovem homem encontra um bebê troll em uma noite e decide adotá-lo, gerando graves consequências. Sendo que, em 2018, três anos após a publicação do livro de Lindow aqui revisado e quase uma década após o livro de Sinisalo, estreou o filme sueco *Border*, abordando a temática de uma mulher que descobre ser uma trolesa adotada por humanos. E, continuamente, os trolls surgem em relações mais estreitas e complexas com humanos, não mais pertencendo apenas aos limites das florestas.

No sexto capítulo há breves e interessantes comentários sobre como, na contemporaneidade, os trolls chegaram a ser cômicos e muito bem quistos, principalmente por crianças e turistas. O marketing e as indústrias do turismo e do entretenimento são descritos como disseminadoras de uma imagem trollesca mais apazível e amistosa. Sendo assim, o autor cita as adaptações de trolls nas obras de Tolkien no fim da Segunda Guerra Mundial e na obra de J. K. Rowling. Lê-se, além disso, um estimulante comentário sobre os *souvenirs* de bonecos de trolls vendidos atualmente em larga escala nos países escandinavos, como também sobre sítios na *web* que apresentam coleções desses bonecos.

Concluindo a obra, Lindow nos presenteia com um epílogo contendo os significados da palavra troll em alguns dicionários contemporâneos, seguido de uma referência bibliográfica comentada por ele. Personagens reconfortantes ou ameaçadores, os trolls até se converteram em bonecos divertidos, de tão ampla que é a força de sua magia selvagem e natural. E, embora sejam onipresentes na atualidade, durante séculos ficaram sob a proteção da paisagem escandinava. Eles eram seres de um ambiente pré-industrial e não globalizado,

mas seu grande poder mágico de mudar de forma os fez evoluir para ilustrações no mercado nórdico de livros e depois para o teatro, o cinema e mais além. Desde então, eles nunca mais foram embora e, sob suas várias formas, continuam a estimular a imaginação ao redor do mundo.

Referências bibliográficas:

AUBERT, Francis Henrik. *Askeladden e outras aventuras*. São Paulo: Edusp, 1992.

_____. *Novas aventuras de Askeladden*. São Paulo: Edusp, 1995.

LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de Mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo, Hedra, 2015.

University of California, Bekerley. *Curriculum Vitae of John Lindow*. Disponível em <https://scandinavian.berkeley.edu/people/john-lindow> Acessado em: 15/07/2019.